



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 20, v. 2  
abr-jun.2024  
p. 215-244

# “Homens que curtem”: reflexões etnográficas sobre pesquisas com homens com práticas bissexuais na periferia da cidade

(“Hombres que disfrutan”: reflexiones etnográficas sobre investigaciones con hombres con prácticas bissexuales en la periferia de la ciudad)

(“Men who enjoy”: ethnographic reflections on research with men with bisexual practices on the outskirts of the city)

Luís Felipe Rios<sup>1</sup>  
Mateus Souza Araújo<sup>2</sup>

**RESUMO:** O texto discute os desafios metodológicos de envolver homens que fazem sexo com homens e com mulheres (HSHMs) nas pesquisas, apontados nos estudos sobre comportamento sexual e epidemia do HIV/aids como fugidios a pesquisadoras. Embasado em pesquisa na Região Metropolitana do Recife, argumentamos que a dificuldade está relacionada à operacionalização dos próprios conceitos que orientam o olhar para os territórios onde homens com práticas homossexuais transitam – sociabilidade, região moral, gueto e comunidade – e a facilidade que alguns dos territórios oferece para as pesquisadoras realizarem sua tarefa. Do mesmo modo, a nomeação homossexual, presente em termos de consentimento esclarecido, roteiros de entrevista e questionários, pode afastar os HSHMs das pesquisas, que, como mostra nossa etnografia, são descritos como *simpatizantes*, e se percebem como *entendidos*, o que os capacita a se engajarem na *curtição*.

**PALAVRAS-CHAVE:** método etnográfico; homens bissexuais; sociabilidade; região moral; comunidade gay.

**Abstract:** The text discusses the methodological challenges of involving men who have sex with men and women (MSM) in research, pointed out in studies on sexual behavior and the HIV/aids epidemic as elusive to researchers. Based on research in the Metropolitan Region of Recife, we argue that the difficulty is related to the operationalization of the very concepts that guide the look at the territories where men with homosexual practices transit – sociability, moral region, ghetto, and community – and the ease that some of the territories offer to researchers to accomplish their task. Similarly, homosexual naming, present in terms of informed consent and interview scripts and questionnaires, may turn MSM away from research, who, as our ethnography shows, are described as *sympathizers*, and perceive themselves as *understanding*, which enables them to engage in *take pleasure*.

**Keywords:** ethnographic method; bisexual men; sociability; moral region; gay community.

**Resumen:** El texto es un ensayo etnográfico que discute los desafíos metodológicos de involucrar a los hombres que tienen sexo con hombres y mujeres (HSH) en la investigación, señalados en los estudios sobre el comportamiento sexual y la epidemia del VIH/sida como esquivos a los investigadores. A partir de una investigación en la Región Metropolitana de Recife, argumentamos que la dificultad está relacionada con la operacionalización de los propios conceptos que orientan la mirada sobre los territorios por donde transitan los hombres con prácticas homosexuales – sociabilidad, región moral, gueto y comunidad – y la facilidad que algunos de los territorios ofrecen a los investigadores para cumplir su tarea. Del mismo modo, la nomenclatura homosexual, presente en términos de consentimiento informado y en los guiones y cuestionarios de las entrevistas, puede alejar de la investigación a los HSH que, como muestra nuestra etnografía, se describen como *simpatizantes* y se perciben como *entendidos*, lo que les permite participar en *obtención de placer*.

**Palabras clave:** método etnográfico; hombres bissexuais; sociabilidade; região moral; comunidade gay.

1 Psicólogo (UFPE), Mestre em Antropologia (UFPE) e Doutor em Saúde Coletiva (UERJ). Professor Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde atua no curso de graduação em Psicologia, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva e no Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana (LabEshu). A pesquisa que originou este texto teve apoio do CNPq em forma de bolsa de produtividade em pesquisa e fomento para pesquisa (processos 309265/2021-5 e 409990/2022-1) e dos programas de bolsa de iniciação científica da UFPE/CNPq e da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (Facepe).

2 Graduado em Ciências Sociais pela UFPE, mestrando em Antropologia na UFPE. Trabalho relacionado à bolsa de Iniciação Científica concedida de pela Facepe.



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 27/07/2023

Aceito em 13/03/2024

## 1 Introdução

Este trabalho aborda a sociabilidade de homens cisgêneros<sup>3</sup> que fazem sexo com homens (HSHs)<sup>4</sup> e com mulheres cisgêneros (HSHMs) na periferia do Recife. Queremos discutir o desafio de onde encontrar e envolver nas pesquisas os HSHMs, apontados nos estudos sobre comportamento sexual e epidemia do HIV/aids como fugidios a pesquisadorias<sup>5</sup> (Dangerfield *et al.*, 2017; Seffner, 2003).

A relevância de incluir os HSHMs nos estudos se deve ao lugar de destaque que eles assumem no desejo e nas práticas sexuais relatados por muitos dos homens *gays* e outros HSHs. Torna-se, então, importante ter as suas narrativas em primeira pessoa, como protagonistas, de modo a melhor descrever o lugar que ocupam nas cadeias sexuais, suas condutas sexuais e como realizam a gestão de risco às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), adensando, assim, as reflexões sobre como o HIV caminha na sociedade.

Nosso argumento, neste texto, é o de que a dificuldade está relacionada à operacionalização dos próprios conceitos que orientam o olhar para os territórios onde HSHs transitam e a facilidade que alguns desses territórios oferecem para as pesquisadorias realizarem sua tarefa, o que também tem a ver com riscos relacionados à violência nos espaços preteridos. Não obstante, esses lugares, em geral, são frequentados apenas por HSHMs “*gays* simpatizantes”. Do mesmo modo, algumas imposições contemporâneas relacionadas aos modos como os comitês de ética em pesquisa interpretam as resoluções também constroem a criatividade e possibilidades investigativas, especialmente a necessidade de ler um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em que figurem as categorias homossexual ou bissexual, as quais HSHMs ou não se identificam ou não querem ser por elas identificados.

Para aquelas que podem considerar o uso de “simpatizantes” como anacrônico, diremos que o preferimos ao anglicismo “*gayfriendly*”, bastante utilizado para falar em espaços que

3 Pessoas cisgênero (cis) são aquelas cuja identidade de gênero se expressa em conformidade ao socialmente esperado para o sexo biológico. Classificação que tem como contraponto a categoria transgênero (trans), em que as identidades de gênero pessoal não se expressam em conformidade ao socialmente esperado para o sexo biológico descrito no nascimento (Vergueiro, 2016).

4 A categoria HSH foi criada no contexto das dificuldades que surgiram no início da resposta da saúde pública à epidemia do HIV/aids, de modo a assinalar para pesquisadorias e técnicas a possibilidade de múltiplas identidades dos homens que têm práticas homossexuais (Deverell; Prout, 1999). Assim, além de não ser uma categoria identitária, sinaliza a necessidade de melhor conhecer as categorias nativas e o modo como se situam culturalmente para a produção de estratégias de informação, educação e comunicação (IEC) em saúde efetivas e eficazes (Rios *et al.*, 2022a). No caso de nossas pesquisas, até 2022, apenas escutamos homens cis. Ainda assim, homens trans apareciam nas observações e nas narrativas de entrevistados como parceiros sexuais. Só mais recentemente, na nova onda de coleta de dados iniciada em 2023, incluímos os homens transgêneros como entrevistados.

5 Utilizamos uma das várias propostas que questionam o masculino como o gênero universal, expressão do machismo e heteronormatividade da língua (Rios, 2023a). Optamos pelo sistema que utiliza “*elu*” como pronome e “*e*” como artigo e partícula para realizar a concordância nominal, quando o referente não apresenta gênero definido e/ou envolva homens, mulheres e pessoas não binárias (Caê, 2022).



explicitamente aceitam e valorizam a presença sexo dissidente. O “S” de simpatizantes era uma das letras na primeira sigla para se referir aos estabelecimentos comerciais e comunidades homossexuais – *Gays*, *Lésbicas* e *Simpatizantes* (GLS) (Facchini, 2005; França, 2007). Ainda que, como outros termos nativos, tenha caído em desuso na militância e na literatura acadêmica, ainda é presente em alguns contextos das comunidades *gays*, especialmente nas conversas com homens mais velhos.

Optamos em usá-lo aqui porque, bem recentemente, em observação participante em uma sauna *gay* do Recife, foi assim que os homens mais velhos se referiram aos “homens que curtem”, mas que não são nomeados nas siglas atuais em uso, tampouco na mais longa delas: LGBTQIAPN<sup>6</sup>. Brincamos e rimos muito tentando encontrar o nome e o sentido para cada uma das letras, com relevo para o que vem depois do T. Foi quando percebemos a ausência do S na sigla.

Conforme os presentes, o S daria conta dos garotos de programa – alguns presentes na sauna – e outros HSHs, que nem se indentificam como bissexuais, muito menos como homossexuais, mas se reconhecem no S<sup>7</sup>. De todo modo, os simpatizantes que se incluiriam no S são os que frequentam estabelecimentos *gays*, em especial os que lá prestam algum serviço – sexual ou não. Considerando nossa discussão neste texto, estes seriam mais fáceis de observar e mesmo entrevistar (Mitchell, 2015; Souza Neto, 2009; Viana, 2010). A dificuldade de acesso reside mesmo nos “cafuçus”<sup>8</sup> e outros “homens que curtem”, que circulam pelos bairros de moradias e proximidades do trabalho de nossos interlocutores (Rios *et al.*, 2019, p. 979).

*Eu gosto de cafuçu, eu gosto de homem mesmo. De sair com homem mesmo. Vou fazer o que numa boate, que eu sei que é tudo veado igual a mim? Tá entendendo como é a história? [...] Porque eles são homens mesmo. Aí, eu não curto nessa zona não (Antônio).*

Iniciamos o percurso do texto por uma discussão que retoma quatro conceitos utilizados para delimitar onde realizar as pesquisas – sociabilidade, gueto, região moral e comunidade – nos modos como repercutiram nas pesquisas brasileiras. Na sequência, traremos fragmentos de nossas experiências etnográficas recentes fora dos espaços mais centrais da comunidade *gay* do Recife, em direção à sua periferia e redes de conhecidos nas quais se incluem homens “simpatizantes”,

6 Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Transexuais/Travestis/Transgêneros, *Queer*, Intersexo, Assexuais/Arromânticos/Agênero, Pansexuais/Polissexuais/Panromânticos, Não Binárias e mais.

7 Por tudo isso, fica a sugestão da reinclusão do S (simpatizantes) naquilo que Regina Facchini (2005) chamou de sopa de letrinhas!

8 Conforme Rios *et al.* (2019, p. 980), o termo vem da classificação para miscigenação entre negros e índios, cafuzo. “[...] são descritos como homens pobres, que têm relacionamento heterossexual e muitas vezes fazem sexo com bichas por troca (ainda que não formalizada) financeira ou de bens. Eles se percebem homens e se utilizam do modelo hierárquico para significar as interações com as pintosas. Relações quase sempre descritas como ocasionais. Em geral, fazem parte de redes de convivência das pintosas nos bairros de residência ou trabalho”.



“entendidos” e que “curtem” com mulheres e outros homens. No caminho, adensaremos essas categorias nativas que constituem e dão sentido aos HSHMs. Finalizando o texto, e pensando em incluí-los cada vez mais nas pesquisas, apresentamos uma discussão metodológica acerca dos quatro conceitos e sobre como ampliar as possibilidades investigativas nos circuitos de sociabilidade homossexual.

## 2 Sociabilidade, gueto, região moral e comunidade

O sociólogo alemão Georg Simmel (1983) caracterizou sociabilidade como momentos de autonomização das formas de sociação lúdica em relação aos conteúdos sociais.

A sociabilidade não tem propósitos objetivos, nem conteúdo, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. Seu alvo não é nada além do sucesso do momento sociável e, quando muito, da lembrança dele (Simmel, 1983, p. 170).

No contexto do estudo das homossexualidades, a coqueteria e a conversação, exemplos usados pelo autor para caracterizar modos de sociabilidade fazem todo sentido descritivo. A categoria tem sido usada para demarcar os lugares onde pesquisar, dada a visibilidade que as interações produzem no tecido urbano. No caso, as cercanias da esquina que se forma entre a Rua das Ninfas com a Av. Manuel Borba, no centro do Recife, nos estabelecimentos de entretenimento LGBTQIAPN+ e na própria rua, nomeada como o “Vale das Ninfas”, nos finais de semana, especialmente à noite e madrugada, caracterizam-se pela fruição erótica, onde a obtenção de prazer está tanto na “azaração” como na “xoxação” (Rios *et al.*, 2022b).

“Xoxação” tem o sentido da “conversa fiada”, que quase sempre desemboca em falar, de maneira elogiosa ou depreciativa, sobre alguém ou alguma situação, presente ou passada, ou ainda de expectativas futuras. Isso em geral acontece enquanto se “toma uma” (bebida) com as amigas, ou se fuma um cigarro, e se observa o que se passa no local da interação. É nessa observação que emerge a “azaração”, o olhar e ser olhado na cena pública em processo (Rios, 2003). Como na coqueteria descrita por Simmel (1983), a “azaração”, de um roteiro sociossexual que tem a função de dar início a outras modalidades de interação sexual, se autonomiza e dá suporte à fruição. De outro modo, nas cenas de sociabilidade na rua, no bar e na boate, o prazer parece não ser o de se chegar a práticas sexuais mais valorizadas, ou seja, a “sarração”<sup>10</sup> e a “fudeção”<sup>11</sup> (Rios, 2003), mas

9 No nosso grupo de pesquisa gostamos de dizer que esse é o “coração do Vale”, que, como mostraremos ao longo do texto, se estende por toda a Região Metropolitana do Recife.

10 Contato sexual de maior proximidade corporal, muitas vezes ainda mediado pela roupa, mas que não envolve sexo penetrativo.

11 Grosso modo, sexo penetrativo.



simplesmente se realiza no prazer escópico, de apreciar e ser apreciado eroticamente.

Ainda assim, quando se considera as repronarrativas e reprossexualidades que engendram a heteronormatividade (Berlant; Warner, 1998; Rubin, 1998), a “sarração” e o sexo descomprometido, comuns em espaços de sociabilidade como saunas, cinemões e parques, por se distanciarem da reprodução e seus arremedos – o casal sexual *gay* monogâmico –, podem assumir ares de coqueteria, uma vez que estão fora da norma formal da constituição dos casais e do sexo, em que não há propósitos objetivos além da própria obtenção do prazer sexual. Aqui já entramos no âmbito daquilo que nas comunidades homossexuais de todo o Brasil se chama “pegação”, que são

interações eróticas rápidas e anônimas entre homens, tais como voyeurismo, exibicionismo, masturbação mútua ou não, felação e penetração anal. A pegação também pode estar associada a outras formas de sociabilidade, como uma simples paquera, manifestada, por exemplo, em um bar, em uma boate ou mesmo na fila de um banco. De todo modo, é-lhe atribuída, na maioria das vezes, uma conotação pejorativa, sendo caracterizada como algo relacionado à promiscuidade (Gaspar Neto, 2011, p. 148).

De todo modo, é preciso sublinhar que, para os HSHs, os espaços e os momentos de sociabilidade, mais ou menos eróticos, além da ludicidade e fruição, possuem sim uma função com “resultados exteriores” ao momento. Frente àquilo que Ervin Goffman (1975) denominou de “identidade deteriorada”, que os obriga, em muitos espaços e situações, a se manterem discretos (Pecheny, 2004) e “nos armários” (Sedgwick, 2007), a sociabilidade homossexual, a presença e memória dos encontros com os pares, dá sustentação subjetiva em oposição à estigmatização que vivem cotidianamente (Rios *et al.*, 2018; Rios, Vieira, 2022).

Ainda na linha de refinar a noção de sociabilidade, é importante considerar as contribuições das reflexões de outros cientistas sociais, como Pierre Bourdieu (1996) e Norbert Elias (1994), sobre a relação indivíduo/sociedade nos modos como matizam os momentos de sociação. As sociedades criam categorias e informam como pessoas, nelas categorizadas, devem se portar e circular nos espaços. Categorizações que constituem as estruturas sociais, como classe social, raça, etnia, idade, gênero, sexualidade entre outras, que engendram subjetividades e são atuadas de modos inconscientes pelos indivíduos e se expressam em *habitus* (Bourdieu, 1996), ou, como preferimos, em estilizações corporais.

Inspirado numa dupla de autores de conversa um tanto improvável, mas que têm em comum a discussão com a psicanálise clássica, Judith Butler (2003) e Carl Gustav Jung (2013), Luís Felipe Rios (2024) irá propor que as categorizações sociais se organizam por meio de configurações corporais ou estilizações, as quais, na interação social, mobilizam memórias sensoriais, afetivas/emocionais e significações sociais, as quais, ainda nas interações, e de modo irrefletido, produzem disposições para ação. É o modo como o autor propõe que se defina a produção de sentido. No



referido texto, exemplifica as estilizações a partir de ilustrações pós-pornográficas para peças de educação em saúde sobre a prevenção do HIV/aids construídas por meio das pesquisas na comunidade *gay* do Recife.

No caso da sociabilidade homossexual, as estruturas sociais se expressam tanto nos aparatos necessários aos encontros – que podem ser estabelecimentos LGBTQIAPN+, ou não, como parques, *shoppings*, entre outros –, que possuem marcações das estruturas citadas anteriormente, tanto como na constituição das próprias pessoas, em que se presentificam nos corpos e modos de ser. Essas marcas matizam e constituem processos macro e micropolíticos os quais dão sentidos às interações (Simões; França; Macedo, 2010; Rios, Vieira, 2022). De outro modo, essas marcações sociais vão informar, dentre outras questões, onde ir para “socializar” (sic) em função de: com quais tipos de homens se quer interagir – por exemplo: de mesma classe, e/ou raça, e/ou idade, e/ou etc., de classes diferentes, ou isso não importa; o preço a pagar pelas horas de fruição – que pode ser determinado pela própria classe social e/ou idade, por exemplo – e também, sublinhemos, o acesso e os perigos que cercam os lugares.

Os olhares das ciências sociais sobre os HSHs, os espaços onde interagem e as modalidades de interação social que estabelecem vão se iniciar ainda nos finais do século XIX, quando as práticas homossexuais eram consideradas perversões, objeto de estudo e tratamento das ciências médicas e de repressão da polícia. Pessoas com práticas homossexuais, em sua grande maioria e na medida do possível, buscavam manter invisíveis suas orientações sexuais, fugindo do preconceito e mesmo da violência familiar, médica e policial. Ainda assim, começavam a despontar nos registros sobre a vida social das grandes cidades, especialmente nos estudos sobre outras categorias socialmente desviantes, evidências de uma produção cultural em curso, capazes de serem identificadas no tecido social (Green, 2000; Rubin, 2018). A questão a ser respondida era: como nomear analiticamente os territórios onde essa produção cultural se realizava?

As primeiras pesquisas tenderam a se concentrar em espaços de sociabilidade homossexual das grandes cidades, quase sempre localizados nas regiões centrais, muitas vezes consideradas perigosas, especialmente nos finais de semana, nas noites e madrugadas. Nesse contexto, categorias para descrever aquela formação cultural em processo de consolidação foram gueto e região moral, oriundas da Escola de Chicago, ocupada com estudos dos desvios e delinquência urbana norte-americana. Elas articularam os primeiros desenhos da pesquisas nos Estados Unidos (Rubin, 2018) e também no Brasil (Facchini; França; Braz, 2014).

No caso dos países do norte global, muitos dos espaços de lazer e sociabilidade se situavam dentro, ou deram origem a territórios residenciais sexo dissidentes, que começavam a se organizar



como guetos. No caso brasileiro, a categoria gueto, ainda que bastante usada, nunca conseguiu ser aplicada na mesma densidade que a utilizada por Louis Wirth (1928), descrevendo comunidades que se enraizavam de modo mais permanente em áreas geograficamente delimitadas, habitadas predominantemente por um grupo étnico ou racial, que enfrentava segregação e restrições econômicas, culturais e sociais impostas pela sociedade dominante.

Wirth (1928) desenvolve a discussão sobre “colônias e áreas de segregação” apresentada em outro dos textos seminais da sociologia urbana, publicado em 1915 por Robert Park, intitulado *The city: suggestions for the investigation of human behavior in the city*. É de Park (1915) que vem a segunda noção, que fez mais sentido para as pesquisas sobre as sociabilidades homossexuais brasileiras. Ele postula a existência de uma repartição do espaço urbano em faixas residenciais, industriais e o centro. Esse último serviria ao mesmo tempo como ponto de concentração administrativa e comercial, e lugar de reunião de toda a sorte de marginalizados, pelo caráter de impessoalidade e anonimato que imprime aos que ali interagem, sobretudo fora dos horários comerciais. No entanto, o autor sublinha:

Cada bairro, sob as influências que tendem a distribuir e segregar as populações urbanas, pode assumir o caráter de uma “região moral”. Esses são, por exemplo, os distritos de vício, encontrados na maioria das cidades. Uma região moral não é necessariamente um local de residência. Pode ser um mero ponto de encontro, um lugar de férias (Park, 1915, p. 610).<sup>12</sup>

Em outras palavras, a região moral, enquanto processo urbano, poderia se atualizar em outros lugares da cidade. Ainda assim, talvez pela visibilidade homossexual entre es transeuntes e/ou facilidade de acesso, boa parte dos estudos tiveram e ainda têm os centros das grandes cidades e/ou os espaços de lazer *gays* – bares, boates, saunas etc. – como referências para observações ou para encontrar interlocutories para as entrevistas.

Nestor Perlongher (1987, 1993), autor de uma das primeiras teses antropológicas sobre o tema no Brasil, usou do conceito de região moral para refletir sobre as chamadas “bocas” do contexto paulistano. O autor prefere esse conceito ao de “gueto” por descrever melhor a dinâmica de “deambulação” de “bichas”, “entendidos” e “michês” por aqueles territórios, sem enraizamento residencial, e nem sempre pelos mesmos motivos, ou motivos que se complementavam.

Aqui precisamos recorrer à noção de ‘região moral’, da Escola de Chicago, cujos habitantes, que não residem necessariamente aí, mas apenas deambulam pela zona, ‘tendem a segregar-se, não apenas segundo seus interesses, mas ainda segundo seus gostos e temperamentos’ (Park, 1979) - ou seja, diríamos mais modernamente, conforme seus desejos. O negócio do michê e a procura de amantes na via pública (paquera), caracteristicamente homossexual (Hooquer, 1973), se inscrevem nessa zona de ‘perdição

12 “Every neighborhood, under the influences which tend to distribute and segregate city populations, may assume the character of a ‘moral region’. Such, for example, are the vice districts, which are found in most cities. A moral region is not necessarily a place of abode. It may be a mere rendezvous, a place of resort (Park, 1915, p. 610)”.



e vício das grandes cidades’ (Park, 1979), espécie de ‘cloaca libidinal’ da megalópole - cuja toponímia, no caso paulista (Boca do Lixo), recolhe essa condição residual, curiosa em si, já que o centro da cidade, zona do poder e do comércio durante o dia, se converte à noite em local de vício e boemia. Assim, a ‘margem’ (no sentido sociológico) converte-se em centro (no sentido ecológico) (Perlongher, 1993, p. 4-5).

O autor se referia ao centro da capital paulistana, incluindo o Arouche, a Praça da República e arredores, mas, em outros momentos do texto, aponta para um processo que sinaliza trânsitos, constantes movimentos de territorialização e de desterritorialização do desejo por toda a cidade.

Revedo a literatura antropológica sobre homossexualidade no Brasil, e assinalando os textos precursores, podemos dizer que, a partir de noções mais ou menos explícitas de sociabilidade, gueto e região moral, quatro caminhos foram tomados pelos pesquisadores: o dos estabelecimentos comerciais de lazer homossexual e seus entornos, como no trabalho de Nestor Perlongher (1987); o dos grupos *gays*, como fez Eduard MacRae (1990); os que foram para os terreiros de macumba, como fez Peter Fry (1982)<sup>13</sup>; ou ainda o de recorrer a redes de amigos, dando menor importância à observação *in loco*, como fez Carme Dora Guimarães, em 1977 (Guimarães, 2004)<sup>14</sup>.

Ainda sobre os que tomaram territórios como ambiência, pode-se dizer que terreiros de macumba<sup>15</sup> e lugares de frequência “GLS” dos grandes centros urbanos<sup>16</sup> estiveram por boa parte do século XX e início do século atual como *locus* e mesmo objetos privilegiados de investigação das homossexualidades masculinas. Só mais recentemente estabelecimentos comerciais GLS nas periferias das grandes cidades<sup>17</sup>, a sociabilidade na zona rural, em cidades menores e suas dinâmicas<sup>18</sup> e também as dinâmicas que se situam na internet<sup>19</sup> ganharam relevo enquanto objetos etnográficos.

Localizada à margem da moralidade hegemônica (Fry, 1982), a macumba pode ser pensada como um daqueles locais das vizinhanças periféricas, que Park (1915) também caracteriza como região moral. Rios (2004) examina os trânsitos de HSHs jovens entre o candomblé fluminense e

13 Aqui é preciso dizer que Fry (1982) não foi o primeiro a abordar o tema, Ruth Landes (2002), Rene Ribeiro (1982) e outros pesquisadores das religiões de matriz africana já haviam identificado a forte presença dos homossexuais efeminados nos terreiros e, cada um ao seu modo, tentou explicar o fenômeno. Tomamos Fry (1982) como marco porque a forma como conduziu etnograficamente a pesquisa não é eivada de preconceitos sobre “a verdade da homossexualidade”, o que certamente levou a que tivesse maior influência no campo de estudos sobre as homossexualidades no Brasil.

14 A dissertação foi defendida em 1977, no Museu Nacional no Rio de Janeiro, mas só foi publicada em formato de livro em 2004.

15 Como em Landes, 2002; Fry, 1982, 2010; Ribeiro, 1982; Teixeira, 1987; Segato, 1995; Birmam, 1995; Matory, 1998; Rios, 1997, 2004; Santos, 2007.

16 Como em Perlongher, 1987, 1993; Terto Junior, 1989; Macrae, 1990, 2018; Facchine, 2005; França, 2013, 2007; Rios, 2004, 2008; Simões, França, Macedo, 2010; Monteiro *et al.*, 2010; Gaspar Neto, 2011; Pocahy, 2017; Braz, 2010; Rios *et al.*, 2022b, Rios, Vieira, 2022.

17 Como em Oliveira, 2006; Reis, 2014, 2015.

18 Como em Parker, 1999; Ferreira, 2006, 2008; Ferrari, Barbosa, 2014; Silva, Silveira, 2016; Sousa, 2021; Oliveira, 2022; Rios, 2023. Para uma revisão dos estudos antropológicos sobre sexualidades dissidentes em contextos rurais e interioranos, conferir Fabiano Gontijo e Igor Erick (2015).

19 Como em Santos Filho, 2012; Rios, 2018; Miskolci, 2013, 2014; Zago, 2013; Paranhos; Inácio Costa, 2022.





os territórios de homosociabilidade do centro do Rio, aprofundando a discussão sobre homologias entre o que ele caracteriza como duas organizações comunitárias. Considerando a comunidade homossexual e comunidade terreiro, respectivamente, como formas de resistência à sociedade homofóbica e racista brasileira, em que as dinâmicas entre visibilidade/invisibilidade são questões de sobrevivência, o autor demonstra como o conceito de comunidade, como proposto por Donna Haraway (1994), é mais produtivo para caracterizar ambas. Para a autora, a caracterização de uma comunidade teria mais a ver com as afinidades e a organização em circuito, em contraponto ao compartilhamento de identidades e residência em dado território, que caracterizam, juntamente com laços familiares, o conceito clássico de comunidade (Thornton, 1997) e do gueto (Wirth, 1928) como um subtipo, uma comunidade segregada, no dizer de Park (1915).

Assim, mesmo que nem sempre reconhecíveis a olhos não treinados, quando longe dos territórios onde a comunidade se presentifica mais ostensivamente – os terreiros e os “vales gays” –, “macumbeiros” e “entendidos”, partes de circuitos integrados, conseguem interagir e acionar redes capazes de mobilizar ações sociais, individuais e coletivas, do mesmo modo como as feministas da análise de Haraway (1994).

Conforme Rios (2004, 2008), “entendido”, categoria êmica encontrada nos primeiros estudos da homossexualidade no Brasil (Guimarães, 2004 ; Fry, 1982), e que também saiu do rol das categorias utilizadas na academia e no movimento social, como mostraremos, ainda está em uso. Ela possui uma importante densidade analítica capaz de explicar a dinâmica nos circuitos que integram não apenas HSHs, mas qualquer homem ou mulher das mais diferentes posições sexuais e de gênero: “entendido/a/e” não é uma identidade, mas uma capacidade de reconhecer outras pessoas que também sabem dos códigos das interações sóciossexuais que as tornam afins.

É importante sublinhar, entretanto, a importância do território – ainda que não de residência – e da presença na reprodução social dessas formações comunitárias brasileiras, muito bem apontadas por MacRae (2018), em “Em defesa do gueto”. Ir ao “vale” ou ao terreiro de tempos em tempos é um momento muito propício para a aprendizagem e exercício dos códigos culturais que as permitem existir – os quais, muitas vezes, precisaram ser acionados muito discretamente em meio à hegemonia racista, intolerante às religiões de matriz afroindígenas e estigmatizantes das dissidências de sexualidade e de gênero em outros lugares e momentos – e para reafirmar laços de afinidade.

O conceito de comunidade de Haraway (1994) pode ser invocado como uma ferramenta/ponte para articular os três outros, permitindo repensar a ideia de sociabilidade, gueto e região moral no contexto da modernidade tardia, marcada por ondas de desestigmatização das identidades



sexo dissidentes, com certas garantias legais que permitem ampliar circulações e visibilidade, mas também as mais variadas formas de violentas reações que forçam a permanência dos necessários armários. Também marcada por desenvolvimentos nas tecnologias de informação e comunicação, que permitem abolir distâncias via trocas em tempo real, ampliando, inclusive, capacidades de influência e a ação social de modos inéditos.

Mas, voltando às nossas indagações do início deste texto, já mais adensadas teórico e etnograficamente: como acessar os HSHMs para além dos discursos alheios — objeto privilegiado de desejo de muitas “bichas”, que dizem preferir “transar”/ter sexo com “homens de verdade”? Onde os homens “simpatizantes”, que “curtem” outros homens e não se identificam como bissexuais, homossexuais ou trabalhadores do sexo se localizam territorialmente na teia da trama do nosso circuito integrado – o “Vale das Ninfas”?

### 3 Na oficina, na praça, no campo

Para adensar um pouco mais a discussão, apresentamos algumas cenas de trabalho de campo de pesquisas recentes, em que, além de observar os espaços de homossociabilidade do Recife, naquilo que denominamos de “o coração do Vale”, enveredamos pela sua “periferia”, contextos sinalizados por entrevistas realizadas em outros momentos de pesquisa, entre 2013 e 2017.

Bacante (18 anos, parda, “pintosa”<sup>20</sup>), por exemplo, contou sobre suas deambulações no próprio bairro de residência, o bairro da Várzea e arredores, junto com outras amigas *gays*. Uma cena nos chamou especial atenção: a de uma “curra”, com um *mix* de violência verbal e física, em que foram perseguidas pela rua do bairro de residência por um grupo de homens municiados de porretes. A amiga, que tentou enfrentar os rapazes, chegou a sofrer ataque físico. Não obstante, em dado momento, foram protegidas de mais violência pela vizinhança (Rios *et al.*, 2018). Celso (24 anos, preto), estudante da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), fala dos múltiplos bares por ele frequentados no mesmo bairro ou nos que lhes circunvizinham, apontando para as suas experiências de diversão que se alargam do coração rumo à periferia do “Vale”, passando

20 “Pintosa” é uma estilização de gênero, e tem a ver com homens femininos, geralmente concebidos como “passivo”/receptivo no sexo anal. Outras estilizações mais usuais são “boy” – masculino, supostamente “ativo”/incerto no sexo anal – e “cafuçu”, sobre o qual falamos anteriormente. No caso de Bacante e da maior parte dos interlocutores cujas vozes e interações compartilhadas foram trazidas para o texto, foi realizada uma heteroidentificação de gênero pelos entrevistadores a partir da compreensão das categorias nativas (Rios, Adrião, 2022). Sobre as posições sexuais, além de “ativo”; e “passivo”, há a categoria “versátil” /realiza as duas posições, e “versátil mais passivo” e “versátil mais ativo”. As posições sexuais quase sempre são inferidas pelas estilizações de gênero, como já apontado, no entanto, a grande maioria dos respondentes de um inquérito comportamental realizado com 380 homens em 2016/17, 85,5 % eram “versáteis” – incluindo aqueles que relatam alguma preferência (Rios, 2021). Por fim, vale ainda sublinhar que todos os nomes são fictícios para guardar o anonimato.



pelo ponto *gay* da praia de Boa Viagem, e chegando aos bares “héteros” e “*gay* simpaticantes” próximos à universidade (Rios, Vieira, 2022)<sup>21</sup>.

Resolvemos investir mais um pouco na compreensão sobre a sociabilidade homossexual no bairro da Várzea por ser lugar de residência de um dos integrantes da equipe de bolsistas de iniciação científica, Mateus Araújo, segundo autor deste texto. Vindo de Paulista, na Região Metropolitana do Recife (RMR), ele passa a residir na localidade em 2018. As observações participantes foram realizadas entre 2019 e 2022, os episódios descritos com mais detalhes ocorreram em agosto de 2019. De certo, ainda que Mateus (22 anos, pessoa não binária/*gay*, pardo, pintoso) fosse transeunte do “Vale”, a mudança para a localidade produziu um efeito de estranhamento da sociabilidade homossexual no local, potencializado pela instrumentalização metodológica, que incluiu a constante discussão sobre organizações das comunidades homossexuais em Recife e em outros lugares.

### 3.1 O bairro da Várzea

A escolha de Celso e Mateus pela Várzea não foi ao acaso. O bairro faz vizinhança com o da Cidade Universitária onde se localiza a UFPE. Inclusive, não é fácil reconhecer onde começa um e termina o outro. Outras duas universidades públicas estão nas suas imediações: a Universidade Federal Rural de Pernambuco e o Instituto Federal de Pernambuco. Além disso, no bairro, estão as empresas da família Brennand e dois de seus importantes espaços culturais – o Instituto Ricardo Brennand, com um rico acervo em peças medievais, e o Ateliê de Francisco Brennand, onde estão expostas diversas esculturas em argila.

A Várzea é o segundo bairro em extensão territorial do Recife, bastante arborizado, atravessado pelo Rio Capibaribe e marcado por praças, casarões e igrejas. Mas também tem suas “comunidades”, locais quase sempre formados por ocupações onde vivem pessoas em situação de insegurança financeira. O bairro é muito bem servido de transporte público, contando com terminais integrados de passageiros da RMR, duas estações de metrô e o terminal rodoviário interestadual.

#### 3.1.1 Flertes e brincadeiras de duplo sentido

Os fragmentos de observações que queremos trazer para reflexão tiveram início na Praça da Várzea, um local de constante interação de públicos diversos, que vão ou passam pelo local

21 Outros de nossos interlocutores também relataram a frequência de lugares de lazer como os descritos por Celso em seus bairros, próximo de locais de trabalho, em lugares de ensaio e apresentação de folguedos populares, como blocos de frevo, maracatu, afoxé e quadrilhas de São João (Rios, 2023b).



por diferentes motivos, que também têm a ver com o ciclo circadiano, onde as interações vão mudando, acompanhando as alterações de luminosidade e temperatura, resultante da jornada da terra ao redor do sol.

Pela manhã, à tarde e início da noite, há sempre vendedorias ambulantes, estudantes universitárias e moradores passando por ela. Pela manhã logo cedo, esportistas e pessoas idosas se exercitam. As últimas voltam ao final do dia, quando o “sol esfria”, para jogar dominó e “conversa fiada”. Aos sábados, pela manhã, a feira agroecológica é o ponto de convergência para as pessoas mais “descoladas” do bairro, especialmente professorias e estudantes das universidades que residem nas proximidades.

No entorno da praça, a Padaria Rainha da Várzea é, sem dúvidas, uma referência local, a qual junto com restaurantes e bares – com preços para todos os bolsos – da praça ou das ruas que dela irradiam, atende uma variedade de trabalhadoras e estudantes: das universidades, do colégio militar, das empresas dos Brennand, da Secretaria de Educação e dos muitos estabelecimentos de prestação de serviços que vão oferecer seus préstimos aos moradores e transeuntes do bairro, como oficinas de automóvel, salões de beleza, escolas particulares, dentre outros.

Casarões antigos inabitados, lojas, mercadinhos, barracas de comida e bebida, consultórios de saúde vão, juntamente com a padaria, compor o cenário do entorno da praça. Como já apontamos em relação aos restaurantes, estabelecimentos de outros ramos também se localizam nas ruas do entorno da praça. O fato é que, apesar das boas conexões da Várzea com outras localidades do Recife, especialmente o centro, certamente algumas moradoras, em poucas situações, precisariam sair do bairro para ter acesso aos bens e serviços necessários para viver. Inclusive, são muitas e diversas opções de lazer que também atraem pessoas de outros bairros e turistas para o local – com relevo para os disponibilizados pela UFPE, pelos Brennand e pelos polos de diversão das grandes festas da cidade, como Carnaval e São João.

Não há muitas moradias ao redor da praça, o que significa dizer que, a partir de certa hora, quando o comércio formal se encerra, o espaço se torna mais atrativo para homens interessados em alguma aventura sexual ou apenas “socializar” com outros homens. Certa noite de quinta-feira, depois da aula, por volta das 22h, Mateus foi à praça encontrar com dois amigos, Pedro (23 anos, homem cis, *gay*, pardo, pintosa) e Vitor (27 anos, homem cis, *gay*, branco, *boy*), grande amigo de Pedro. Pedro foi morar no bairro por se tornar estudante da UFPE e costuma frequentar o “Vale das Ninfas”, em especial o Bar do Céu e também utiliza aplicativos de “pegação” na internet, como Grindr e Tinder. Vitor, que mora no bairro “*desde que se entende por gente*” (sic.), costuma frequentar os mesmos lugares do centro do Recife, talvez com até mais frequência que Pedro.



Vitor, além de ter “*nascido*” (sic.), trabalha no bairro como lanterneiro, numa oficina de conserto de carros. Certamente, por trabalhar numa ocupação bem marcada por gênero, na praça encontra e cumprimenta muitos homens que configuram, estilisticamente, masculinidade/heterossexualidade. Também chama atenção que a sua relação com outros rapazes é marcada por brincadeiras de cunho sexual – o que não é de se surpreender, uma vez que, nos jogos de produção da masculinidade hegemônica, as disputas por quem é mais “macho” vão passar, quase sempre, por quem consegue subjugar o outro sexualmente, pegando na “bunda”/nádegas, fazendo pegar no “pau”/pênis, ou mesmo encostando-o na “bunda” de alguém. Na impossibilidade de gestualidade, os jogos discursivos vão na direção de assinalar quem “come”/penetra quem (Almeida, 1996; Bandeira; Seffner, 2013; Braga, Carauta, 2020; Parker, 1991).

O fato de Vitor trabalhar como mecânico próximo à praça lhe dá uma certa fama e o faz transitar entre homens que se relacionam com mulheres. Ele se gaba de, “*por detrás, já ter ficado*” (sic.), com muitos deles. Ainda sobre o seu trabalho, as performances de gênero que realiza e seus desejos sexuais por homens, Vitor comentou que na frente dos amigos *gay*-identificados “*solta a franga*” (sic.), e por trás, ou seja, quando está em ambientes que não são abertamente homófilos, é “*macho*” (sic.) – configura o *boy*. Explica que seu ambiente de trabalho é “*extremamente masculino*” (sic.) e é um dos motivos que o leva a assumir tal “*postura*” (sic.), pois precisa parecer “*hétero*” (sic.) para ser respeitado, ainda que, diz ele, as pessoas saibam da sua orientação sexual. Também sinaliza que gosta de ser o “*homem ativo*” (sic.) da relação.

### 3.1.2 “Pegação”

Após o encontro na praça, com direito às primeiras cervejas da noite e cumprimentos aos conhecidos de Vitor, este recebe a ligação de uma amiga convidando-os para ir a um campo de futebol de várzea situado numa “comunidade” ali perto. O grupo se dirige de carro para a lateral do campo, ao fundo logo se escuta músicas e algumas gargalhadas oriundas das brincadeiras entre amigos.

O campo, de cerca de 40 metros de diâmetro, se situa bem no centro de um arruado de casas, que o cerca por todos os lados. As habitações são muito simples, de alvenaria, construídas sem um planejamento arquitetônico ou urbano especializados, muitas são compostas de lajes e puxadinhos, como é comum nas favelas e comunidades das regiões com maior vulnerabilidade financeira do país. Algumas abrigam vendas e bares para o comércio de bebidas e lanches, que dão sustentação à renda familiar para os donos do negócio, e à sociabilidade de quem reside nas imediações. O próprio campo de futebol dá o tom de lugar de lazer ao espaço, ocupado pelas



“peladas” e brincadeiras de rua, especialmente das crianças e adolescentes locais, durante quase todo o período do dia.

À noite, o cenário começa a mudar e, ao passar das horas, as pessoas vão se resguardando e fechando suas portas. O dia da incursão de Mateus no local era uma quinta, conforme dito anteriormente, já próximo às 23h, e provavelmente muitos dos moradores tinham compromissos de trabalho e escola no dia seguinte. Ainda assim, a sociabilidade continuava. O que convém destacar é que no bairro essa “comunidade” é considerada uma região perigosa, estigmatização associada à hipossuficiência estrutural dos moradores e ao tráfico de drogas. Pessoas de classe “média” e “remediada”, nos termos dos estudos demográficos socioeconômicos, evitam circular pela área, por medo de alguma situação violenta.

Perto de uma das barras do gol, foi montada uma tenda para a venda de bebidas, espetinhos e pastéis, num improvisado de bar. Havia um clima de azaração no ar, expressa, por exemplo, por episódio típico de “pegação”: um rapaz segurou a braguilha ao encontro da “rola”/pênis, retendo-a nas vestes, enquanto encarava um outro rapaz, que observa atentamente a sequência gestual, fitando demorada e alternadamente os olhos e o local demarcado pela mão do primeiro.

Não tardou, Vitória (27 anos, parda, mulher cis, lésbica), Gleisson (27 anos, preto, homem cis, “cafuçu”), Alan (23 anos, preto, homem cis, “pintosa”) e Kiki (25 anos, branca, travesti) vieram ao encontro do grupo. Alan logo revelou que não ia demorar por ali. Veio apenas para comprar drogas e voltaria para uma festinha sexual que estava rolando em sua casa ali perto, com mais dois amigos.

Era próximo à meia noite quando Mateus se dirigiu a um banheiro improvisado, no puxadinho de uma das casas, sem porta e quase ao ar livre, coberto apenas por um grande pano vermelho. Enquanto esperava na fila, um “cafuçu” alto, aproximadamente 30 anos, vinha em direção ao banheiro. Vendo Mateus, utilizou de sequência gestual semelhante à observada na “pegação” descrita. Encabulado, Mateus aproveita que era a sua vez de utilizar o banheiro, levanta o pano vermelho e entra, se ausentando momentaneamente da interação que estava para se iniciar. Na saída do banheiro, entretanto, o “cafuçu”, que continuava na fila, sorriu, o olhou novamente da cabeça aos pés e, como se não bastasse, deu um tapa na sua “bunda”, e o convidou para juntos entrarem no banheiro.

Assustado e com medo, Mateus ri um tanto nervoso e desconcertado, e volta para junto do grupo. Kiki esclarece que o rapaz que havia investido em Mateus era casado com uma outra travesti, cabeleireira no bairro, e era “*entendido*” (sic.). Conforme o disse-me-disse do grupo, Gleisson era o “*único hétero ali, tinha mulher e filha, mas curtia escondido*” (sic.) em troca



de favores, inclusive, tentou negociar com Pedro uma “transa” por 20 reais para comprar “pó virado”<sup>22</sup>. Certamente, o fato de Pedro não morar na comunidade colaborou para configurar a proposta Gleisson, por aumentar garantias de “curtir no sigilo”.

Convém ainda sublinhar que, caso os flertes resultem em disposição para o sexo e as pessoas não disponham de um banheiro improvisado, de carro ou de uma residência ali perto que possa receber os envolvidos, se pode usar dos lugares mais ermos próximos ao campo ou à praça – que inclui, nesse último caso, os casarões antigos inabitados, também utilizados, dizem, por usuários de *crack*.

### 3.2 “Entendidos” e os códigos da “pegação”

As cenas etnográficas descritas permitem pensar região moral como processo que não ocorre apenas no centro das metrópoles, mas que pode se territorializar em momentos do ciclo circadiano, em espaços que permitem guardar certo anonimato e sigilo sobre práticas “divergentes”, “estigmatizadas” e “perigosas”. Pelos próprios perigos que o ambiente/momento representa para aqueles que por ele circulam, afastam, na noite e na madrugada, mulheres e crianças “de família” e também os homens que não querem estar associados às drogas e/ou às dissidências de sexo e de gênero.

Como já apontara Park (1915), as regiões morais podem emergir nos mais diferentes contextos. Estudá-los são importantes para registro e reflexão sobre as homossexualidades, especialmente para responder a lacuna das pesquisas sobre HSHMs. Se deslocar para a periferia do “Vale Gay” permite contato com as franjas, com o *troitor*, com zonas de contato entre a hegemonia que obedece mais prontamente a heteronormatividade e os seus dissidentes.

Nesses territórios, os HSHMs, recorrentemente apontados como arredios a entrevistas ou observações nos estudos com foco na prevenção do HIV, emergem como figuras acessíveis e chaves nas interações, sendo reafirmados como objetos de desejo de homens *gay*-identificados, que também frequentam os espaços centrais do “Vale das Ninfas”, e não deixam de “socializar” em praças, campos de futebol e, mesmo, oficinas mecânicas – leia-se no trabalho e sua vizinhança. Nesses espaços realizam a sociação de “jogar conversa fora”, apreciar outros homens e, quem sabe, em se fazendo reconhecer “entendidos”, realizar a “curtição”. Lembremos de Vitor que se gaba de conhecer, brincar e “transar” com os homens que “curtem”, clientes da oficina, moradores do bairro e transeuntes da praça e do campo.

No primeiro caso, a praça, cercada por estabelecimentos, tende a se tonar mais impessoal

<sup>22</sup> Pedra de *crack* triturada, geralmente consumida com um ácido fraco, no caso, o ácido bórico.



ao anoitecer. Paulatinamente, se abre a “cloaca libidinal” (Perlongher, 1993) para as cenas sexuais acontecerem. Na praça, em momentos de transição de moralidades, as próprias brincadeiras que compõem as disputas de masculinidade, que também ocorrem na oficina, ajudam a dissimular – e desvelar para “entendidos” – os jogos homoeróticos em processo. No campo, os jogos se abrem um pouco mais, quando fica mais evidente a superposição de processos de marginalização relacionados à classe, sexo, drogas, acentuando a possibilidade de roteiros sexuais mais explícitos, como as cenas de “azaração” descritas. Ainda assim, certamente uma pessoa que não participa dos “circuitos entendidos” talvez não se desse conta da “pegação” em curso.

Queremos sublinhar com Perlongher (1993) uma ampla teia de desejos, que têm menos a ver com identidade e mais com os sentidos que, em determinados territórios, na noite e madrugada, são conferidos aos transeuntes.

Também nosso discurso operou um deslocamento: em vez de falar de identidades passamos a falar de territorialidades, de lugares geográficos e relacionais. Isto nos convida a conceber uma trama de ‘pontos’ e ‘redes’ por entre as quais circulam (‘transformam-se’) os sujeitos, definindo-se conforme sua trajetória e posição ‘topológica’ na rede, e não conforme uma suposta identidade essencial. O conceito de identidade dá lugar ao de territorialidade, à pergunta ‘quem é?’ superpõe-se a pergunta ‘onde está?’. (Radicalizando as coisas, não interessaria tanto estudar o ‘homossexual’, mas sim o ‘trottoir’) (Perlongher, 1993, p. 6).

Não por acaso, parece emergir categorias que não são mais tão usuais no contexto das pesquisas empreendidas nos corações dos “vales” gays, como “entendido”, que remete a conhecer os códigos para fruição no *trottoir* homossexual, muito mais do que a assumir identidades contrastivas. Assim, quando se acrescenta a “periferia do Vale” à comunidade é possível observar um amplo jogo de territorializar e desterritorializar mediado pelo se reconhecer afim aos/pelos códigos da “pegação”.

#### 4 Etnografias sobre regiões morais fora do centro e os HSHMs

Nossa intenção nesta seção é produzir um diálogo com algumas etnografias sobre HSHs realizadas fora dos centros urbanos, que apontam para sociabilidades em regiões morais ocorrendo não apenas nas periferias das grandes cidades, mas também em contextos interioranos<sup>23</sup> e, nesses contextos, identificar a presença e as possibilidades para pesquisar HSHMs. Não temos como aprofundar, neste texto, o rico debate sobre os estudos das sexualidades dissidentes nos contextos rurais e interioranos; para tal, recomendamos especialmente os textos de Fabiano Gontijo e Igor Erick (2015) e Paulo Ferreira (2006, 2008).

23 Conforme Gontijo, Erick (2015, p. 31), “interioridade” emerge como categoria para dar densidade analítica em pesquisas cujos campos são caracterizados por “um espaço-tempo que transita entre ruralidade e urbanidade, confundido pela dinâmica da etnicidade”.





A literatura etnográfica mostra que praças, praias, terminais rodoviários e fluviais das cidades menores se oferecem como importantes espaços de interação sexual entre homens (Ferrari; Barbosa, 2014; Silva; Silveira, 2016; Oliveira, 2022; Rios, 2023b). Os estudos também sinalizam para um incremento nos fluxos e refluxos de pessoas entre pequenas e grandes cidades e mesmo povoados campestres, para trabalho, estudo ou lazer *gay* nem sempre com fins de migração (Parker, 2002; Ferreira, 2006, 2008; Teixeira, 2015; Leite, 2022; Rios, 2023b).

No âmbito de deslocamentos rumo ao interior, a etnografia de Luiz Henrique Sousa (2021), sobre as experiências de homens *gays* de cidades pequenas de Minas Gerais e São Paulo, apresenta, além dos lugares de sociabilidade interioranos mais usuais – como as praças e cidades maiores mais próximas –, as universidades públicas. Assim como Sousa (2021), Anderson Ferrari e José Gabriel Barbosa (2014) e Alexandra Leite (2022) descrevem as estratégias utilizadas pelos HSHs para a formação de parcerias sexuais, enredando homens de diferentes idades, classes e identidades sexuais nas próprias cidades de moradia, num complexo jogo de se esconder e se mostrar enquanto alguém que “faz” (sexo com homens).

Atravessados pelas conexões dos ambientes da internet, há como que um esfumaçar das fronteiras e incremento na deambulação, na coqueteria e nas conversações, em busca de prazeres sexuais *on-line* (Rios, 2023b; Miskolci, 2014). Se HSHMs surgem nas etnografias em ambientes mediados pelas tecnologias de comunicação a distância – como em Richard Miskolci (2013), Luiz Felipe Zago (2013) e Will Paranhos e Cláudia Inácio Costa (2022) –, nem sempre ganham destaques nas análises, como aconteceu nos trabalhos de Fernando Seffner (2003) – que constituiu, entre 1995 e 2001, uma rede de informantes, a Rede Bis, Brasil, por meio de anúncios ou convites por cartas – e de Ismar Santos Filho (2012), que realizou sua pesquisa sobre masculinidades bissexuais em salas de bate-papo na internet.

Vale sublinhar que nos estudos mediados por tecnologias de comunicação, os participantes das pesquisas necessitavam de domínio razoável da língua escrita para as interações, só permitindo investigar homens que tiveram acesso à escolarização formal, o que também tem implicação de classe social. Além disso, é importante destacar que os aplicativos de busca de parceiros tornaram-se estratégia para minimizar os efeitos de sair do armário, que também envolve se proteger da violência, muito presente nos lugares de “pegação” *off-line* (Rios, 2023b).

Na contramão de se proteger dos perigos, queremos destacar duas etnografias, a de Cassio Silva e Flávio Silveira (2016), sobre a deambulação noturna em uma feira livre de uma região portuária numa cidade amazônica do interior, e a realizada por Bruno Oliveira (2022) em banheiros nas proximidades de um terminal rodoviário em Campos dos Goytacazes, no interior



do Rio de Janeiro. Oliveira (2022) mostra como nos banheiros dos terminais as interações sexuais conseguem se realizar atravessando um ambiente heteronormativo por excelência – sabem melhor disso as pessoas trans.

No campo essa relação se apresentou, por exemplo, quando presenciei uma mulher (esposa) esperar o marido do lado de fora do banheiro de uma das rodoviárias. Enquanto ele fazia a pegação, ela aparentava não saber o que estava ocorrendo no local. O homem argumentou estar com ‘dor de barriga’ entrou no banheiro para fazer a pegação (Oliveira, 2022).

Continuando a percorrer o caminho da cidade rumo ao interior, nos deparamos com uma etnografia sobre as interações sexuais entre homens em um povoado da zona rural do sertão do Cariri cearense. Ferreira (2006) nos apresenta os “esquemas” que fazem interagir sexualmente “homens-de-família” e “veados” “discretos” em Goiabeiras. Uma instigante etnografia que inaugura o olhar antropológico brasileiro sobre as sexualidades dissidentes no campo, quebrando assim com a heteronormatividade que vinha marcando os discursos científicos sobre a sexualidade camponesa (Gontijo; Erick, 2015).

A dissertação de Ferreira (2006) apresenta um leque de interações sexuais que envolve homens, mulheres, animais e plantas. Nesse conjunto de personagens ele dá destaque às iniciações sexuais que ocorrem entre jovens e “rapazes velhos” e às cenas orgásticas dos “esquemas” sexuais, quase sempre formadas por grupos de rapazes solteiros e “pais de família”, em locais mais afastados do povoado – como as “moitas” na caatinga – e momentos de maior discrição – geralmente à noite. As cenas descritas nos leva a questionar se a dinâmica de sociabilidade descrita pelo autor poderiam ser analiticamente pensadas como equivalentes camponesas das zonas morais, identificadas na sociologia urbana nos grandes centros?

Assim como na praça e no campo de futebol que etnografamos no bairro da Várzea, em Goiabeiras, a praça do vilarejo, com o tardar da noite, tornava-se o lugar propício para seres “malditos” e para “desfrutes”, ainda que, tanto lá como cá, tudo acontecesse muito discretamente. Contudo, a praça de Goiabeiras era, no máximo, o lugar de combinar os “esquemas”, que aconteciam em lugares ermos. Nas interações em Goiabeiras, havia um elemento a mais, para garantir algo semelhante ao anonimato conferido pelas regiões morais da cidade: a negação estratégica do ocorrido, de modo a manter a honra dos “pais de família” e outros homens envolvidos nos “esquemas” e, assim, a continuidade mesma das transações sexuais.

A praça e o campo de futebol de nossa e de outras etnografias, a feira livre e os banheiros da rodoviária, as moitas da caatinga nordestina se oferecem como cenários propícios para observar os “homens que curtem”, no flerte, e também em interações sexuais de maior proximidade corporal.



Mas a questão que se coloca é a de como ir além nas estratégias de investigação para coletar dados sociodemográficos e os significados que atribuem às suas experiências sexuais?

### 5 As curtições nas experiências de tornar-se homem

Pesquisar categorias de pessoas estigmatizadas gera um conjunto de dificuldades e limites que pedem esforço criativo nos seus planejamentos e nas estratégias de coletas de dados. Em momento anterior da nossa pesquisa, enveredamos por uma tentativa de ampliar a participação de HSHs, diversificando as marcações de classe/renda, de lugares de sociabilidade, de identidades sexuais e outras. Assim, inspirados nos estudos epidemiológicos realizados por abordagens que produzem amostras via redes sociais *off-line* (Valente, 2010), como a Respondent-Driven Sampling (RDS) (Heckthorn, 2022), aplicamos um inquérito comportamental usando da produção de múltiplas cadeias de respondentes, formadas em pontos diferentes da RMR, em que participantes da pesquisa indicavam outros participantes. Foram produzidas dez cadeias, num total de 380 entrevistados (Rios, Adrião, 2022). Destes, 18% se disseram atraídos sexualmente por mulheres cis e 9,7% relatou ter feito sexo com pessoas dessa categoria nos seis meses anteriores às entrevistas (Santos, 2021).

Podemos dizer que conseguimos números tímidos para permitir emergir associações estatísticas que gerassem conclusões mais robustas sobre os HSHMs. De todo modo, olhando para o passado com nossas indagações atuais, pensamos que aquela poderia ter sido uma proveitosa ocasião para agendar um segundo momento e re-escutá-los em entrevistas de maior profundidade narrativa.

Além disso, a própria dinâmica de formação das cadeias de respondentes permitiu algumas reflexões interessantes. Pudemos perceber que dois dos bairros onde se iniciaram a composição da amostra, um em Recife e outro em Olinda, eram atravessados por redes de conhecidos com práticas homossexuais – nem sempre *gay*-identificados –, o que facilitou a sua formação. Muitas vezes, o entrevistado não apenas indicava um possível voluntário, mas levava o entrevistador na casa do conhecido (Rios, Adrião, 2022). Ambos os bairros, como o da Várzea, são marcados por um certo cosmopolitismo – inserção de HSHs *gay* identificados em equipamentos culturais locais e forte presença de não locais e turistas (Rios, 2023b).

Entretanto, ainda assim, nem todos os participantes das cadeias de HSHs se mostravam, no olhar dos entrevistados, adequados para serem indicados enquanto possíveis interlocutores. Assim, quando eram solicitados a indicar outros possíveis voluntários, muitas vezes pensavam em voz alta sobre a pertinência de indicar alguém, desistindo de passar contatos de HSHs que não



queriam ter suas práticas homossexuais reveladas (Rios, Adrião, 2022).

Considerando especialmente os exíguos tempos para pesquisas de mestrado e doutorado, por facilidade e/ou por medo/segurança, a delimitação tende para os centros e/ou para cadeias de homens *gay* identificados. Mas, como apontam Park (1915) e Perlongher (1993), exemplificado em nossa etnografia, e aquelas realizadas nas periferias das grandes cidades, nas cidades menores e mesmo em povoados nas zonas rurais, as regiões morais são configurações interativas resultantes de um processo de territorialização de circuitos de “entendimento” e desejo, que produzem formação de nós, capazes de serem observados.

Se observações e conversas informais não são suficientes para responder aos objetivos de investigação, pode-se investir na construção de laços, vínculos de maior confiança entre pesquisadores e “nativos”, que favoreçam entrevistas formais. No entanto, ressaltamos, são contextos em que homossexualidade, bissexualidade ou homens que fazem sexo com homens, que figuram nos TCLEs das pesquisas que se utilizam de questionários e entrevistas, certamente dificultam a coleta de dados, como aconteceu na etapa de nossa pesquisa já mencionada (Rios, Adrião, 2022). Além do medo do estigma, no *troitor*, e concordando com Perlongher (1993), a lógica é menos da identidade constrativa, de “bichas” e “héteros”, e mais da “trajetória” e posição “topológica”, que, no nosso campo, permite emergir figuras como a dos homens “simpatizantes”, “entendidos” e “que curtem”.

Além disso, sugerimos que o caminho para a coleta de informações da ordem das experiências pessoais pode ser o do “tonar-se homem” ou o da “construção da masculinidade”, de modo a deixar de figurar homossexualidade não apenas nos TCLE, que em algum momento precisarão ser lidos, mas também nos roteiros de entrevista.

Assim, sem grandes artificios metodológicos, se teria acesso a dados sociodemográficos – para melhor localizar es personagens dos enredos narrados nas cenas etnográficas – e aos sentidos das experiências de “produção da homeidade”, que no caso em discussão passa indubitavelmente pela sexualidade (Almeida, 1996). Então, e pelas memórias das convivências na oficina, na praça e no campo, as deambulações poderiam ser retomadas e compartilhadas para comentários. Esses dois caminhos certamente permitiriam que as “curtições” e seus sentidos emirjam na situação de entrevista.

## 6 Considerações finais

Ao longo do trabalho, retomamos conceitos clássicos na delimitação de estudos sobre as homossexualidades masculinas, especialmente os etnográficos, que pedem recortes territoriais



mais ou menos precisos, e que orientam o olhar para a visibilidade das interações de sociabilidade homossexual, quando pessoas que, muitas vezes, tentam se invisibilizar no tecido social mais amplo, dado os processos de estigmatização, se reúnem e aparecem.

A noção mais clássica de gueto *gay* nos pareceu inaplicável às pesquisas no Brasil, uma vez que, ao menos no Recife, ainda que o bairro da Boa Vista seja considerado o coração do “Vale das Ninfas”, sendo mesmo nomeado bairro da “Boa Bicha”, ainda tem mais características de região moral do que de bairro residencial *gay*. Sob essa perspectiva, os conceitos de sociabilidade e região moral nos parece de melhor densidade descritiva e analítica. Ainda assim, alguns elementos da noção clássica de gueto/comunidade parecem importantes, sobretudo para pensar o que vai além da fruição da sociabilidade: a possibilidade de passar da resistência a projeto, na ação política coletiva, que não foi objeto de discussão neste texto<sup>24</sup>. Desse modo, rearticulamos região moral e sociabilidade a partir da definição de comunidade, como sugerida por Donna Haraway (1994), que dá menor importância às identidades contrastivas e residência, sublinhando as afinidades e compartilhamento de códigos.

Assim, como pudemos mostrar, o reconhecimento em outros contextos que não os da região moral ou dos espaços *gay*-simpatizantes, sugerem o compartilhar de um campo de saber e desejo que permite que os “nós” das redes do circuito integrado aconteçam não apenas nos territórios mais conhecidos de “pegação”, mas em qualquer lugar onde “entendidos” se percebam enquanto tal – e não apenas para fins sexuais –, ou seja, também nas escolas, nas casas de amigos, nas ruas, nos ambientes de trabalho (Rios, 2004, 2008).

Mostramos que pesquisar nas franjas, nas zonas de contato entre porções mais heteronormativas com as porções sexo dissidentes da sociedade pode potencializar o encontro com os HSHMs. Não obstante, as categorias bissexual, homossexual ou HSH, dos TCLEs, roteiros de entrevistas e questionários, dado os processos de estigmatização e a dinâmica pós-identitária das comunidades de “entendidos”, pode dificultar o aprofundamento de pesquisas na coleta de dados sociodemográficos dos participantes da “pegação” e dos significados sobre o que realizam.

Embora o conceito de região moral não se aplique apenas aos espaços de presença de HSHs dos centros urbanos, os centros assumem um importante papel nas pesquisas sobre sociabilidade de homens *gay* e outros HSHs, na delimitação de territórios para descrição ou onde encontrar interlocutores para entrevistas e questionários. No entanto, talvez pelas facilidades de identificação

24 A ação política coletiva não foi tão explorada neste texto, mas pode ser vislumbrada, por exemplo, na descrição de Sousa (2021) sobre a sociabilidade nas universidades públicas no interior do país, gerando lutas pelo reconhecimento de direitos, reeditando movimentos que aconteceram nas décadas de 1960 e 1970 nos grandes centros, foco dos trabalhos de MacRae (1990), sobre o Grupo Somos em São Paulo, e de Thiago Barcelos Soliva (2019), acerca a história da “Turma OK” no Rio de Janeiro.



da sociabilidade acontecendo, o centro continua mais estudado que a periferia. Mas, não só por isso, o medo de trabalhar nas bordas, em regiões marcadas pelo tráfico de drogas e pela violência urbana certamente continuará fazendo com que o centro do “Vale” e os estabelecimentos de lazer *gay* sejam os lugares preferidos para o encontro des pesquisadorias com seus interlocutores.

---

## Referências

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário Antropológico*, Brasília, DF, v. 20, n. 1, p. 161-189, 1996. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6602>. Acesso em: 1 jul. 2023.

ANDRADE, Vítor Lopes. Migrações internas e internacionais motivadas por orientação sexual e identidade de gênero. *Travessia: revista do migrante*, São Paulo, v. 77, p. 29-48, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/73>. Acesso em: 1 jul. 2023.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon, PR, ano. 14, n. 29, p. 246 - 270, 2013. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10426>. Acesso em: 1 jul. 2023.

BERLANT, Lauren; WARNER, Michael. Sex in Public. *Critical Inquiry*, [Chicago], v. 24, n. 2, p. 547- 566, 1998.

BIRMAN, Patrícia. *Fazendo Estilo, Criando Gênero*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e Subversão da Identidade*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 1. ed. Rio de Janeiro: Papyrus, 1996.

BRAGA, Adriana Andrade; CARAUTA, Alexandre Augusto Freire. Futebol, gênero e homosociabilidade nas redes sociais: a masculinidade no circuito comunicacional do WhatsApp. *Intercom: revista brasileira de ciências da comunicação*, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 165-190, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/intercom/a/TDg3XswXhZw3HF6q4zJmkLh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 jul. 2023.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. “Mas agora confessa...” Notas sobre clubes de sexo masculinos. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 127-156, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/SexualidadSaludySociedad/article/view/40>. Acesso em; 1 jul. 2023.

CAÊ, Gioni. *Manual para uso da Linguagem Neutra em Língua Portuguesa*. Brasil. Foz do Iguaçu: Frente Trans Unileira, [2022]. Disponível em:



<https://portal.unila.edu.br/informes/manual-de-linguagem-neutra/Manualdelinguagemneutraport.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2023.

DANGERFIELD, Derek *et al.* Sexual Positioning Among Men Who Have Sex With Men: A Narrative Review. *Archives of Sexual Behavior*, [Netherlands], v. 46, n. 4, p. 869–884, 2017. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-016-0738-y>. Acesso em: 1 jul. 2023.

DEVERELL, Katie; PROUT, Alan. Sexuality, identity and community: the experience of MESMAC. In: PARKER, Richard; AGGLETON, Peter (ed.). *Culture, society and sexuality: a reader*. London: UCL, 1999. p. 337-354.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins; BRAZ, Camilo. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 42, p. 99-140, jan./jul. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/kJQKf6Hsr7MpyGXXjcZmyGv/?lang=pt>. Acesso em: 1 jul. 2023.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERRARI, Anderson; BARBOSA, José Gabriel Couto de Viveiros. Homossexualidades masculinas e cidade pequena. *Bagoas: estudos gays: gêners e sexualidades*, Natal, v. 8, n. 11, p. 211-236, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6550>. Acesso em: 1 jul. 2023.

FERREIRA, Paulo Rogers da Silva. A Natureza e o Imaginário: dos jogos eróticos em sociedades rurais. *Revista Habitus*, Goiânia, v. 5, n. 2, p. 375–394, 2008. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/542>. Acesso em: 5 nov. 2023.

FERREIRA, Paulo Rogers da Silva. *Os afectos mal-ditos: o indizível das sexualidades camponesas*. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/6614?mode=full>. Acesso em: 7 nov. 2023.

FRANÇA, Isadora Lins. Espaço, Lugar e Sentidos: Homossexualidade, Consumo e Produção de Subjetividades na Cidade de São Paulo. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 148-163, ago./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/5086>. Acesso em: 1 jul. 2023.

FRANÇA, Isadora Lins. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 227-255, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/gvCqdNDfthJJhrLyf8V5mDL/?lang=pt>. Acesso em: 1 jul. 2023.

FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.



FRY, Peter. Presentation. *Vibrant*, Brasília, DF, v. 7, n. 1, p. 7-10, 2010. Disponível em: <http://www.vibrant.org.br/issues/v7n1/peter-fry-presentation/>. Acesso em: 1 jul. 2023.

GASPAR NETO, Verlan Valle. A organização da transgressão em espaços de pegação masculina: três breves relatos etnográficos. *Antropolítica*, Niterói, n. 31, p. 147-165, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/42159>. Acesso em: 1 jul. 2023.

GOFFMAN, Erwin. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

GONTIJO, Fabiano; ERICK, Igor. Diversidade Sexual e de Gênero, Ruralidade, Interioridade e Etnicidade no Brasil: Ausências, Silenciamentos e... Exortações. *ACENO: revista de antropologia do Centro-Oeste*, Cuiabá, v. 2, n. 4, p. 24-40, ago./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/3181>. Acesso em: 7 nov. 2023.

GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. (Coleção Sexualidade, gênero e sociedade).

HARAWAY, Donna. Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 243-288.

HECKTHORN, Douglas. Respondent-Driven Sampling II: Deriving valid Population Estimates from chain-referral samples of hidden populations. *Social Problems*, California, v. 49, n. 1, p. 11-34, 2002. Disponível em: <http://www.respondentdrivensampling.org/reports/RDS2.pdf>. Acesso em: 23 set. 2021.

JUNG, Carl Gustav. *Tipos psicológicos*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.v. 6.

LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

LEITE, Alexandra Ribeiro. *Homossexualidade e envelhecimento: a amizade como “modo de vida” homossexual*. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/45792>. Acesso em: 1 jul. 2023.

MACRAE, Edward. Em defesa do Gueto. In: MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”*. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 51-66. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/27774/1/A%20Constru%C3%A7%C3%A3o%20da%20Igualdade\\_EdwardMcrae-EDUFBA-2018.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/27774/1/A%20Constru%C3%A7%C3%A3o%20da%20Igualdade_EdwardMcrae-EDUFBA-2018.pdf). Acesso em: 1 jul. 2023.

MACRAE, Edward John Baptista das Neves. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.





- MATORY, J. Lorand. Homens montados: homossexualidade e simbolismo da possessão nas religiões afro-brasileiras. *In*: REIS, João José. (org.). *Escravidão e Invenção da Liberdade*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 215-231.
- MISKOLCI, Richard. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 301-324, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cz7GhMPdhsF8ss8qLdtvQnm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 jul. 2023.
- MISKOLCI, Richard. Negociando Visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. *Bagoas: Estudos gays: gêneros e sexualidades*, Natal, v. 8, n. 11, p. 51-78, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6543>. Acesso em: 1 jul. 2023.
- MITCHELL, Gregory. *Tourist attractions: performing race & masculinity in Brazil's Sexual Economy*. Chicago: University of Chicago Press, 2015.
- MONTEIRO, Simone; VAGAS, Eliane; CECCHETTO, Fátima; MENDONÇA, Felipe. Identidades, trânsitos e diversidade sexual em contextos de sociabilidade juvenil no Rio de Janeiro (Brasil). *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 35, p. 79-109, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/9xp3dmgyMXzng6QfBQbGrfh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 jul. 2023.
- OLIVEIRA, Bruno Henrique Rodrigues de. Banheirão, pista e pegação: relato etnográfico sobre práticas homoeróticas e seus conflitos em espaços públicos de Campos de Goytacazes-RJ. *Farol*, Belo Horizonte, v. 9, n. 26, p. 997-1023, 2022. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/6704>. Acesso em: 1 jul. 2023.
- OLIVEIRA, Leandro de. *Gestos que Pesam: performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares*. 2006. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- PARANHOS, Will; INÁCIO COSTA, Cláudia. “Curto uma pegação no sigilo”: o Grindr como território de subjetivações dos espaços de desejo. *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 18, p. 176–196, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/49899>. Acesso em: 1 jul. 2023.
- PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.
- PARKER, Richard. *Beneath the Equator: cultures of desire, male homosexuality and emerging gay communities in Brazil*. New York: Routledge, 1999.
- PARK, Robert. The city: suggestions for the investigation of human behavior in the city environment. *The American Journal of Sociology*, Chicago, v. 20, n. 5, p. 577-612, 1915. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/epdf/10.1086/212433>. Acesso em: 1 jul. 2023.



PECHENY, Mario. Identidades Discretas. In: RIOS, Luís Felipe *et al.* (org.). *Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p. 16-33. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/handle/11465/604>. Acesso em: 1 jul. 2023.

PERLONGHER, Néstor. Antropologia das Sociedades Complexas: identidade e territorialidade, ou como estava vestida Margaret Mead. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 8, n. 22, 1993. Disponível em [http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/22/rbcs22\\_08.pdf](http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/22/rbcs22_08.pdf). Acesso em: 26 maio 2022.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

POCAHY, Fernando. Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. Salvador: Devires, 2017.

REIS, Ramon Pereira dos. Concurso Marquinha do Biquíni: visibilidades político-corporais entre jovens homossexuais em um bairro “periférico” de Belém. *Bagoas: estudos gays: gênero e sexualidades*, Natal, v. 9, n. 13, p. 323-351, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/9661>. Acesso em: 1 jul. 2023.

REIS, Ramon Pereira dos. Entre Fluxos e Contrafluxos, “Periferias” e “Centros”: descentralizando sociabilidades homossexuais na cidade de São Paulo. *Gênero na Amazônia*, Belém, n. 6, p. 63-90, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/13201>. Acesso em: 1 jul. 2023.

RIOS, Luís Felipe. *Lôce lôce, metá rê-lê! Homossexualidade e transe(tividade) de gênero no candomblé de nação*. 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1997.

RIOS, Luís Felipe. Parcerias e práticas sexuais de jovens homossexuais no Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública* [online]. 2003, v. 19, suppl 2, p. S223-S232.

RIOS, Luís Felipe. *O Feitiço de Exu: um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro*. 2004. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

RIOS, Luís Felipe. Corpos e prazeres nos circuitos de homosociabilidade masculina do Centro do Rio de Janeiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 465-475, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/xvNystmnmBctr6Q3Nd9m5pr/?lang=pt>. Acesso em: 1 jul. 2023.

RIOS, Luís Felipe. “Paizões”, “filhotes” e a “simbiose do amor”: regulações de gênero entre homens frequentadores da comunidade dos “ursos” no Recife (Brasil). *Etnográfica*, Lisboa, v. 22, n. 2, p. 281-302, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/5347>. Acesso em 1 jul. 2023.

RIOS, Luís Felipe. Linguagem neutra e pessoas não binárias: na



esperança de uma sociedade sem iniquidades de gênero. In: *Blog do LabEshu*, Recife, 2023a. Disponível em <https://labeshu.com/blog/publicacao/2273588/linguagem-neutra-e-pessoas-n-o-bin-rias-na-esperan-a-de-uma-sociedade-sem-iniquidades-de-g-nero>. Acesso em 14 mar. 2024.

RIOS, Luís Felipe. “Todo mundo vem pra Recife”: Os lugares e as políticas de visibilidade gay na homossociabilidade da Região Metropolitana do Recife. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Salvador, v. 9, n. 1, p. 199–229, 2023b. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/53909/29808>. Acesso em 1 nov. 2023.

RIOS, Luís Felipe. Pós-pornografia gay e educação em saúde sexual: Notas sobre a experiência de produção de materiais de prevenção do HIV para gays e outros homens que fazem sexo com homens. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, Cuiabá, v. 7, n. 22, p. e15839, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/15839>. Acesso em: 22 mai. 2024.

RIOS, Luís Felipe et al. ‘Foi como se a gente tivesse visto a morte’: estigmatização, sofrimento psíquico e homossexualidade. *Laplage em Revista*, Sorocaba, v. 4, p. 140-158, 2018. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6275810>. Acesso em 1 jul. 2023.

RIOS, Luís Felipe et al. Posições sexuais, estilos corporais e risco para o HIV entre homens que fazem sexo com homens no Recife (Brasil). *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 24, p. 973-982, 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csc/a/dHbCfTz5prLKYdWNytkKQrd/abstract/?lang=pt>. Acesso em 1 jul. 2023.

RIOS, Luís Felipe et al. ‘Couro no couro’: Homens com práticas homossexuais e prevenção do HIV na Região Metropolitana do Recife. *SAÚDE EM DEBATE*, Rio de Janeiro, v. 46, p. 85-102, 2022a. Disponível em <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/wFn9tG5WYwsfkHZ9Q7XtbfR/?lang=pt>. Acesso em jul. 2023.

RIOS, Luís Felipe et al. O novo normal no Vale das Ninfas: a Covid-19 e os circuitos de sociabilidade gay na região metropolitana do Recife/PE. *Ciência & Saude Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 27, p. 2703-2715, 2022b. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csc/a/cNbScTHFd99BM7cBK34NRGB/?lang=pt>. Acesso em 1 jul. 2023.

RIOS, Luís Felipe; ADRIÃO, Karla Galvão. Sobre descrições, retificações e objetividade científica: reflexões metodológicas a partir de uma pesquisa sobre condutas sexuais e HIV/aids entre homens com práticas homossexuais. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 31, p. e210427, 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/QSVwZkJQMR7jGVKqCSSLfDL/>. Acesso em jul. 2023.

RIOS, Luís Felipe; VIEIRA, Luciana Leila Fontes. Sobre a “mundiça” e as “bichas cocotes”: Georreferenciação e classe social nos circuitos gay do Recife. *Revista Periódicos*, Salvador, v. 1, n. 18, p. 217-250, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/49832>. Acesso em: 22 jul. 2023.



RIBEIRO, Rene. Personalidade e ajustamento psicosssexual dos fiéis dos cultos afro-brasileiros. In: RIBEIRO, Rene. *Antropologia e outros estudos*. Recife: Massangana, 1982. p. 207-218. (Estudos e Pesquisas, n. 21).

RUBIN, Gayle. Estudando subculturas sexuais: escavando as etnografias das comunidades gays em contextos urbanos da América do Norte. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 247-288, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12413>. Acesso em: 1 jul. 2023.

RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the political economy of sex. In: REITER, Rayna (ed.). *Toward an Anthropology of Women*. 2nd. ed. New York: Monthly Review, 1975. p. 157-210.

RUBIN, Gayle. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: NARDI, Peter; SCHNEIDER, Beth (org.). *Social Perspectives in Lesbian and Gay Studies: a reader*. Londres, Routledge, 1998. p. 143-178.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. *A construção discursiva de masculinidades bissexuais: um estudo em linguística queer*. 2012. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11663>. Acesso em: 1 jul. 2023.

SANTOS, Matheus Luiz Silva dos. *Comportamento sexual e vulnerabilidade ao HIV/AIDS de homens bissexuais participantes da Comunidade Gay da Região Metropolitana do Recife*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

SANTOS, Milton Silva dos. *Tradição e tabu: um estudo sobre gênero e sexualidade nas religiões afro-brasileiras*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3841>. Acesso em: 1 jul. 2023.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 jul. 2023.

SEFFNER, Fernando. *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4340>. Acesso em: 1 jul. 2023.

SEGATO, Rita Laura. *Santos e Daimones*. 2. ed. Brasília, DF: Ed. UNB, 1995.

SILVA, Cassio José Sousa; SILVEIRA, Flavio Leonel Abreu da. Caminhos (des)regrados, desejos volúveis: etnografia noturna de uma feira livre numa cidade amazônica. *ACENO: revista de antropologia do Centro-Oeste*, Cuiabá, v. 3, n. 5, p. 156-170, jan./jul. 2016. Disponível em:



<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/3850>. Acesso em: 1 jul. 2023.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade - exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evarusto de (org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 34).

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 35, p. 37-78, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/PSWwtK5ZBCpFp8TTWrS7Fhv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 jul. 2023.

SOLIVA, Thiago Barcelos. Sobre afetos e resistências: uma análise da trajetória da Turma OK (Rio de Janeiro, Brasil). *Sexualidad, Salud Y Sociedad*, Rio de Janeiro, v. 31, p. 57–80, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/mrZ8YpYjJtdKmqXqszMFVcb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 jul. 2023.

SOUSA, Luiz Henrique de. *Produzindo cidades e sexualidades em Alfenas (MG) e Mococa (SP): experiências de homens gays em cidades pequenas e interioranas*. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade do Estado de São Paulo, Araraquara, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/269621fe-b856-405b-b34a-151a9860f8d4>. Acesso em: 1 jul. 2023.

SOUZA NETO, Eptácio Nunes de. *Entre Boys e Frangos: análise das performances de gênero de homens que se prostroem em Recife*. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/8423>. Acesso em: 1 jul. 2023.

TEIXEIRA, Marcelo Augusto de Almeida. “Metronormatividades” nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil. *Áskesis*, São Carlos, SP, v. 4, n. 1, p. 23-38, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/8>. Acesso em: 1 jul. 2023.

TEIXEIRA, Maria Lina. Lorogun: identidades sexuais e poder no candomblé. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). *Candomblé: desvendando identidades*. Rio de Janeiro, EMW, 1987. p. 33-52.

TERTO JUNIOR, Veriano de Souza. *No escurinho do cinema...: socialidade orgiástica nas tardes ca-riocas*. 1989. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

THORNTON, Sarah. General Introduction. In: GELDER, Ken; THORNTON, Sarah (ed.). *The Subcultures Reader*. London: Routledge, 1997. p. 1-8.

VALENTE, Thomas William. *Social networks and health: models, methods, and applications*. Oxford: Oxford University Press, 2010.



VERGUEIRO, Viviane. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, Suely; CASTRO, Mary Garcia; MOUTINHO, Laura. (org.). *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero*. Salvador: Edufba, 2016. p. 249-270. *E-book*. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/mg3c9>. Acesso em: 1 jul. 2023.

VIANA, Normando José Queiroz. *É tudo psicológico! Dinheiro... Pruuu! Fica logo duro: desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife*. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/8588>. Acesso em: 1 jul. 2023.

ZAGO, Luiz Felipe. “Armários de vidro” e “corpos-sem-cabeça” na biossociabilidade gay online. *Interface: comunicação, saúde e educação*, Botucatu, v. 17, n. 45, p. 419-432, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/zGzSs9mxVPRsPnPnKTPf8Qw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 jul. 2023.

WIRTH, Louis. *The Ghetto*. Chicago: University of Chicago Press, 1928.

